

Ciências – Filosofia e Fé. Diálogos possíveis?

Osmar M. Schaefer¹

Resumo: *O texto se interroga sobre possíveis vias de diálogo entre diferentes saberes, principalmente o da ciência moderna “Paradigma dominante” (SANTOS, 199:10 es.); o da Filosofia (como saber de ação); e o saber da Fé (como reconhecimento do outro).*

Palavras-chave: *ciências; filosofia; diálogos; fé*

Introdução

O texto se interroga sobre possíveis vias de diálogo entre diferentes saberes, principalmente o da ciência moderna “Paradigma dominante” (SANTOS, 199:10 es.); o da Filosofia (como saber de ação); e o saber da Fé (como reconhecimento do outro).

Trata-se na realidade de um resumo comentado do capítulo VI da obra de J-LADRIÈRE. A articulação do sentido. Ladrière, (1921-2005), filósofo belga voltado para o estudo da Epistemologia e da Antropologia, tenta mostrar como esses diferentes saberes se constroem em suas especificidades, articulam-se entre si, sem se excluírem compulsoriamente, como o pretende o paradigma Dominante.

É oportuno assinalar que a produção do texto foi motivada pelo Programa de Aperfeiçoamento. Docente (PADOC), da UCPel sob forma de colóquio apresentado em 2010.

¹ Professor Titular do Instituto Superior de Filosofia UCPel. Professor Titular aposentado da Universidade Federal de Pelotas.

Uma confusão metodológica

Ladrière, quando se pergunta pelo Fundamento (e legitimidade) do conhecimento, parte do pressuposto de que não há um só modo de conhecer, mas há “modos de conhecimento” (LADRIÈRE, 1997:158).

Não reconhecer este ponto de partida seria fonte de mal-entendidos, dogmatismos, o que o autor denomina de um “conflito de mentalidades” (idem). Na verdade, isto seria um nome falso para uma “confusão metodológica”.

Alerta para algumas atitudes que levam a este gênero de confusão:

1) Cientificismo. Há, em primeiro lugar, uma espécie de imperialismo metodológico, ou, “imperialismo dos critérios de verdade que pretende aplicar a todos os domínios e a todas as situações, aquilo que só é legítimo e fecundo no domínio do empiricamente verificável” (idem). Esta seria uma tendência de cientificismo contemporâneo.

2) O dogmatismo filosófico seria a preocupação demasiado rápida para se obter, pela atividade do conhecimento, uma visão de conjunto, uma “unidade” de síntese.

Sugere Ladrière que toda a atividade de conhecimento, seja ela científica ou filosófica, tende a oferecer uma visão de conjunto, propor uma certa unidade. Reconhece que este projeto é legítimo, mas alerta que há diferentes “ordens de verdade”, que não podem ser reduzidas a uma única “unidade” de visão. Sublinha dois pontos que merecem destaque especial: 1) A efetivação de síntese total da realidade não pertenceria ao domínio das ciências e da filosofia (“ordem da representação”, idem), mas, ao domínio da fé (“natureza escatológica”); 2) Que o caminho de busca pela visão de conjunto de unidade no campo das ciências e da filosofia passa pelo “reconhecimento da pluralidade de ordens” (idem) da realidade e, conseqüentemente, pela pluralidade de métodos e de níveis de certeza.

Exigência crítica: Ciências e Filosofia

Antes de tratar da efetiva existência da **possibilidade** de saberes diferentes, filosofia, ciências exatas (matemáticas, lógica), ciências físicas e da natureza (física, biologia), ciências humanas e saberes da fé, o autor evidencia uma **característica que lhes é comum** a todos, ou seja, a **exigência crítica**.

Esta é efetivamente a **marca registrada** de todo conhecimento científico e filosófico, o que também lhe confere identidade e prestígio. Ladrière assinala três características da exigência crítica:

1) **Dissolução das evidências imediatas e evidências privilegiadas:** é a derrubada das “certezas”, o trabalho de “iconoclasta”, a “desconstrução”, a “ruptura”, a falseabilidade, a “quebra” da casca dos conceitos (“martelo”). Esta primeira etapa da exigência crítica é a fase da pergunta, da dúvida, da problematização. Ladrière diz que é um saber que não “é apenas apreensão de conteúdo, mas que traz a justificação daquilo que é produzido” (idem). Efetivamente, trata-se da elaboração de um conhecimento que não é apenas produto de um fazer técnico, mas de um saber refletido, referenciado às intencionalidades e às condições humanas historicamente situadas. Em seu próprio movimento, a crítica das evidências não é uma atividade com um fim destrutivo. Ao contrário,

trata-se de descobrir quais os procedimentos de redução suscetíveis de nos conduzir a dados ao mesmo tempo controláveis e fecundos, isto é, a dados que forneçam, ... o meio de sua colocação à prova e que, ..., envolvam a indicação de outros dados, abrindo assim o campo a uma exploração sistemática de ligações com outros dados (p. 159).

2) **Elaboração sistemática:** a etapa da “dissolução das evidências” não é a totalidade da atividade crítica. Após colocar entre parênteses as crenças, enfim, o legado da tradição, vem a

etapa da elaboração do **sistema**. Trata-se da substituição dos dados imediatos da experiência da realidade por um “corpo teórico”, que na atividade da ciência chamamos de projetos, hipóteses, teorias. Ladrière, denomina esta operação de “redução” que “tem por função tornar possível substituir o dado imediato por um organismo puramente inteligível” (p. 159). Esta redução, que consiste em passar do dado à teoria, é instauradora do sistema científico, cujo resultado são as teorias científicas. Sugere que a transformação da realidade em sistema consiste na explicação científica e aí reside a “verdade” da ciência e do cientista. Esta operação – instauração do sistema – tende a ser sempre completa, exaustiva. É oportuno observar que a completude é apenas uma tendência e coloca o problema de “sistemas abertos” e “sistemas fechados”.

3) **Método**: o terceiro passo da exigência crítica é o método. A atividade científica não é feita de tentativas e ensaios desordenados (p. 160). Diz-nos Ladrière que “ela só é crítica, precisamente na medida em que consegue **controlar** seus próprios passos e **organizá-los** conforme **imperativos** que decorrem de sua própria essência” (idem).

Há, portanto, três momentos importantes: 1) “controle”; 2) “organização”; 3) “imperativos”, ou seja, princípios reguladores.

O método é, assim, determinação essencial da exigência crítica que permite elaborar um conhecimento cada vez mais fiável.

Múltiplas ciências e diversidade de métodos

A atividade científica é histórica. Como tal ela não é dada, não é pronta. Da mesma maneira, o método não é fornecido para o todo e sempre e para todas as atividades como único. Não existe “nem caminho único, nem caminho privilegiado”, existe uma “pluralidade” de métodos, nos alerta Ladrière. É oportuno observar que as denominações “cartesianismo” e “ciência galileana” supõem a univocidade metodológica, supõem que o

método procede da ciência da lógica, que precede a todos os outros saberes e estes derivam dela. “A ideia da Lógica era a ideia de um cânone universal da razão” (idem p. 161).

Transcrevo aqui um parágrafo do texto de Ladrière sobre a pluralidade de métodos e, conseqüentemente, sobre a pluralidade dos saberes, que é referência na discussão sobre epistemologia das ciências:

Contudo, desde que não há fornecimento a *priori* do método, a elaboração do método é inseparável de sua atuação. Em outros termos, o método é necessariamente afetado de historicidade. Ora, a experiência histórica da constituição do método nos ensinou que não existe nem caminho simples, nem caminho único, nem caminho privilegiado. Longe de fazer convergir todos os esforços na elaboração de uma estratégia cada vez mais unificada, ela desenvolveu-se de maneira arborescente. Se alguns métodos parecem melhor estabelecidos e melhor comprovados, nada permite, contudo, considerá-los como modelos universais, aos quais todo processo racional deveria pouco a pouco conformar-se. O esforço da invenção do método conduz à descoberta da pluralidade dos métodos. Mas, se os métodos se diversificam, não são, porém, equivalentes. O objetivo é a inteligibilidade total e, para nós, esta inteligibilidade se exprime no sistema. Há, todavia, mais de uma maneira de compreender o sistema e cada modalidade de sistema revela um aspecto apropriado da inteligibilidade do real. Considerando apenas as mais evidentes e as mais maciças diferenciações, contentar-nos-emos em aqui evocar a diferenciação, na verdade muito antiga, mas cuja plena compreensão é relativamente recente, entre ciência (positiva) e filosofia, a diferenciação, muito antiga também, entre ciências formais e ciências do real, e, enfim, a diferenciação, esta bem recente, entre ciências empírico-dedutivas e ciências hermenêuticas (160-1).

Três grupos de ciências: Formais, Empírico-formais e Hermenêuticas

O critério que o autor utiliza para distinguir os três grupos de saberes científicos não se restringe ao império do Método. Neste sentido não coincide com o modelo cartesiano (formal), nem com o modelo galileno-newtoniano (empírico-formal).

Estabelece como referência três aspectos que definiriam as três grandes famílias dos saberes científicos: a) o objeto; b) o método; c) o critério da verdade.

Assim, cada ciência, em sua especificidade ou especialidade, seria constituída por seu objeto, por seu método, e por seu (ou seus) critério de verdade.

1) Ciências formais

Objeto: realidades formais (ou de ordem ideal). Tem por objeto aquilo que Ladrière denomina de “sistemas formais” (p. 161). São entidades que não tem “existência real”: relações, números, etc.

Método: “o domínio do formalismo puro parece caracterizar-se... pela DEDUÇÃO”. Resumidamente, pode-se dizer que este grupo de ciências parte de **Princípios Gerais**, considerados como axiomas, para chegar a conclusões cada vez mais particularizadas e complexas. O exemplo da dedução é o cálculo. Neste sentido, o método formal é essencialmente exemplificado pela operação do cálculo (efetuação).

Critério da verdade: baseia-se no princípio de NÃO CONTRADIÇÃO. Em outras palavras, uma proposição formal é verdadeira quando é resultado da observância das regras do sistema de cálculo. Assim, verdade é sinônimo de validade (funcionalidade) ditada pelas regras do sistema.

2) Ciências empírico-formais (da natureza):

Objeto: realidades que exprimem quantidade, ou grandeza. Objetos que, de uma ou de outra maneira, são

suscetíveis de observação. Por isso, para designá-los, fala-se em ciências da natureza (expressão ambígua).

Método: de modo geral, o método deste grupo de ciências é a **indução**. Trata-se de compreender um “conteúdo existente” a partir de um formalismo. Galileu foi um dos iniciadores deste método quando quis medir (formalismo) a natureza (conteúdo existente). O método indutivo consiste em suposições (hipóteses), plausíveis que substituem a realidade e, a posteriori, mediante o princípio do teste (ensaio e erro), verificar sua concordância ou não.

Critério da verdade: verificabilidade, testabilidade, falseabilidade.

3) Ciências humanas (hermenêuticas)

Objeto: realidades que se expressam através das criações humanas – os símbolos da cultura. São os fatos da cultura constituídos pelas intencionalidades do homem que se inserem na tradição e as motivações inconscientes.

Método: sem desprezar as práticas explicativas das ciências formais (dedução e indução), este tipo de ciência lança mão do MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO (hermenêutica). Cada grupo de ciências apresenta técnicas e instrumentos para fazer aparecer os significados implicados nos fatos históricos, sociais e do comportamento.

Critério de verdade: conservando o legado das ciências formais (o rigor conceitual da não contradição), o critério empírico do ensaio e erro, as ciências humanas são verdadeiras quando “fecundas”, buscam sua referência última em valores, que são da ordem da AÇÃO (ÉTICA – ANTROPOLOGIA). Com isto, remetem à FILOSOFIA.

4) A Filosofia

A evocação do método hermenêutico das ciências humanas tenta dar conta da vida significativa. Isto é um problema limítrofe entre filosofia e ciência: dar-se conta da vida das significações leva ao mundo dos valores humanos, mundo este

que põe questões últimas, radicais, que são do domínio do conhecimento filosófico. Ladrière estabelece uma relação e uma diferença entre ciência e filosofia. A ciência sempre é um saber específico sobre uma determinada realidade. Tem um objeto estritamente circunscrito. É um saber específico sobre uma determinada realidade. Tem um objeto estritamente circunscrito. É um saber “regional”, diz-nos. A filosofia, pelo fato de ser um saber que se pergunta pela legitimação e pela fundamentação, é um saber fundante. Busca “universalidades”. Esta busca de “universalidades” nos remete aos valores éticos, políticos e antropológicos. Remete-nos à tomada de decisão.

Embora a filosofia seja a busca da significação da “vida universal” (p.180), ela é sempre da ordem do conhecimento representativo, conceitual. A síntese total não nos é dada pela ordem da representação. Por isso, o autor relaciona ciência, filosofia e fé, como três ordens de conhecimento, onde a visão da totalidade não seria mais de um conhecimento da ordem da representação, mas exigiria adesão.

O conhecimento da Fé

O conhecimento da fé substitui o sistema impessoal da ciência e da filosofia pela figura do outro e do “todo outro”. É um saber de certeza e de incerteza.

Porque palavra do coração, a palavra da fé é sempre e, ao mesmo tempo, compreensão e incompreensão de si mesma e de seu objeto. Este misto de clareza e não-clareza corresponde, sem dúvida, ao que sugere a categoria do mistério. De qualquer forma, porém, este misto não é, de modo algum, estático. A compreensão própria à fé é um processo infinito: as clarezas que proporciona, não passam jamais da indicação de novas clarezas por vir. Assim, é vinculada à esperança: a adesão à revelação é identicamente esperança da revelação, o acesso ao acontecimento da manifestação é, identicamente, espera da plenitude da manifestação. Se

isto ocorre, é porque a proclamação da fé consiste numa etapa tão somente na marcha para Deus, e esta marcha, como os místicos constantemente realçaram, é progressão numa treva luminosa. Esclarece-se, assim, a relação da fé com a verdade. O que ela faz ver é uma verdade que, simultaneamente, é manifestação e simples anúncio de si mesma. Das proposições que proclamamos, o que podemos compreender, é que nelas há promessa de uma compreensão que está por advir. A relação da fé com a verdade é escatológica, ou seja, plenamente atual e, ao mesmo tempo, inteiramente por vir. Na proclamação do Credo, realiza-se verdadeiramente o que ele anuncia e, simultaneamente, porém, apenas anuncia o que já realiza. Por ser a inteligibilidade própria à fé a de uma verdade escatológica, podemos compreender como e porque a fé, a um tempo, é ratificação de uma verdade já presente e efetuação de uma verdade que está para vir, porque motivo nela existe uma efetuação da verdade, assim como uma incessante verificação do que é efetuado. Contudo, se a verdade implicada na fé tem este estatuto misterioso, é porque encontra seu fundamento último na Palavra viva que é a própria revelação e que anunciou-se a si mesma, dizendo: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (p. 186-7).

Bibliografia

LADRIÈRE, Jean. *Ciência, Filosofia e Fé. In: A Articulação de Sentido*. São Paulo: EPU, 1977, p. 157-158.

_____. *Os Desafios da Racionalidade*. O Desafio da Ciência e da Tecnologia às culturas. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um Discurso sobre as Ciências*. 11 ed. Porto: Afrontamento, 1999.

